

Área temática:
Administração Geral

Título do trabalho:
Aspectos Ontológicos do Empreendedorismo

AUTORES

DIEGO LUIZ TEIXEIRA BOAVA
Universidade Federal de Ouro Preto
profboava@yahoo.com.br

FERNANDA MARIA FELÍCIO MACÊDO
CEFET/SP
profamacedo@yahoo.com.br

Resumo:

O homem, lançado ao mundo, é livre para fazer escolhas. O próprio ato de não escolher já é uma escolha, que traz consigo as consequências de suas atitudes. Empreender, a partir dessa perspectiva, representa uma ruptura com aquilo que proporciona ao ser humano segurança e estabilidade. Nesse cenário, o estudo do empreendedorismo adquire grande destaque, posto que é um fenômeno capaz de provocar profundas transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e psicológicas. Permeando esse contexto, existe a necessidade de abordá-lo com uma perspectiva distinta das que habitualmente são empregadas. Nesta investigação, fazendo-se uso do existencialismo, busca-se esclarecer a essência do empreendedorismo, a partir do estudo sobre sua dimensão ontológica. Busca-se estreitar os laços da administração com a filosofia, estabelecendo uma relação dialógica entre ambas, visando um melhor entendimento sobre a ontologia do empreendedorismo. Tal elucubração se justifica na medida em que pode gerar resultados capazes de contribuir para uma nova forma de compreensão do empreendedorismo e do ser que empreende, por parte da Academia e da sociedade. Além disso, seus resultados podem ser utilizados como subsídios para estudos vindouros acerca da temática, considerando seu caráter propedêutico e deflagrador de novas abordagens.

Palavras-chave:

Empreendedorismo; ontologia; existencialismo.

Abstract:

The man, launched in the world, is free to make choices. The act very of not choose already is in the choice, that brings the consequences of your actions. Doing business, from that perspective, represents a break with what that gives the human security and stability. In this reality, the study of the entrepreneurship acquires a big projection, as it's a phenomenon able to provoke deep social, political, cultural, economical, and psychological transformations. Permeating this context, there is the need to approach it with a different perspective of the ones that are habitually employed. In this investigation, making use of the existentialism, we try to clarify the essence of the entrepreneurship, from the study of its ontological dimension. Search up closer ties the managemet with the philosophy establishing a dialectical relationship between the two, seeking a better understanding about the ontology of entrepreneurship. Such a lucubration is justified in the measure that it can generate results

capable to contribute to a new way of understanding of the entrepreneurship and of the being that entrepreneur, by the Academy and society's part. Besides this, its results can be used as subsidies to still to come studies about the thematic, considering its propaedeutic character and starter of new views.

Keywords:

Entrepreneurship; ontology; existentialism.

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, o estudo do empreendedorismo adquire grande destaque, posto que é um fenômeno capaz de provocar profundas transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e psicológicas. Permeando esse contexto, existe a necessidade de abordá-lo em perspectiva distinta das que habitualmente são empregadas.

Neste trabalho, busca-se estreitar os laços da administração com a filosofia, estabelecendo uma relação dialógica entre ambas, visando um melhor entendimento sobre a natureza ontológica do empreendedorismo. Para tal, necessário se faz considerar que atualmente é comum ouvir a palavra “empreendedorismo”. Publicam-se revistas científicas, realizam-se congressos e seminários, discute-se o tema em jornais e revistas de grande acesso popular. Os governos, entidades de classe e toda a sociedade voltam à atenção para o assunto. Mas qual seu significado? O que é empreender? O que representa ser empreendedor?

Na tentativa de se responder a essas e diversas outras questões, inúmeros estudos abordam o empreendedorismo de diferentes formas, principalmente através de investigações econômicas, psicológicas, administrativas, sociológicas etc. (Drucker, 1987; Filion 1997a; 1999, Dornelas, 2001, Verstraete, 2002; Paiva JR. e Cordeiro 2002).

Por que isso ocorre? Primeiramente, deve-se analisar que os estudos efetuados objetivam características **ônticas**, ao invés de privilegiarem as **ontológicas**, que trariam diferentes contribuições aos debates. Ao se investigar aspectos que se relacionam ou pertencem ao ser que empreende e suas características, em detrimento de elucidar a partir da reflexão sobre o sentido abrangente do empreendedor como aquilo que torna possível suas múltiplas existências, os pesquisadores observam partes da realidade.

Face a esse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: *Quais os aspectos ontológicos do empreendedorismo?* Para isso, utilizar-se-á um referencial teórico existencialista. Dessa forma, tem-se como objetivo geral do estudo, identificar e compreender a dimensão ontológica do empreendedorismo. Tendo para isso que percorrer os caminhos orientados pelos seguintes objetivos específicos: a) Evidenciar os aspectos epistemológicos do empreendedorismo e suas implicações no âmbito ontológico; b) Analisar a natureza do empreendedorismo, explicitando que sua realidade une o conhecimento ôntico e o ontológico.

Este trabalho se justifica pela possibilidade de se estudar o empreendedorismo e o homem que empreende a partir de uma dimensão pouco explorada: a ontologia. Assim, pode-se contribuir qualitativamente no entendimento desse ser humano que tem consciência, que atribui significados a sua existência. Ademais, este estudo poderá ser deflagrador de novas abordagens transdisciplinares, por parte de investigadores que visem aprofundar o entendimento do assunto. Pretende-se contribuir no debate sobre a formulação de políticas indutoras da prática empreendedora, por meio da discussão existencial do ser que empreende. Afinal, é inegável o impacto prático que as idéias existencialistas tiveram no último meio século, recolocando a questão do sentido do ser sob um novo prisma.

O artigo está estruturado em 6 partes, assim apresentadas:

- Revisão de Literatura – relata-se o conhecimento pesquisado acerca do empreendedorismo, pertencente as vertentes de investigação econômica e comportamental.
- Ôntico x Ontológico – apresenta termos filosóficos ligados a problemática de pesquisa.
- Discussão dos aspectos epistemológicos do empreendedorismo – discute as questões pesquisadas na construção do conhecimento epistemológico acerca do objeto de estudo.
- Discussão dos aspectos ontológicos do empreendedorismo – apresenta as dimensões ontológicas do empreendedorismo a partir de um referencial existencialista.
- Resultados – apresenta uma análise geral das questões abordadas ao longo do estudo, a partir do problema e objetivos de investigação propostos.
- Conclusão – trata do fechamento do estudo, elencando seus principais indicativos.

Portanto, este trabalho é uma análise propedêutica, deflagradora de novas abordagens no estudo do empreendedorismo. Busca-se contribuir para estreitar a ligação entre a filosofia e a administração de uma forma inovadora, procurando evitar perder o rigor metodológico que tal ação pode comportar.

2. EMPREENDEDORISMO

A origem dos termos empreendedorismo, empreendedor e empreender vêm da palavra francesa **entrepreneur**, com origem no latim. E o que é entrepreneur? Para responder a essa questão, recorrer-se-á aos trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório de Análise e Tratamento Informático da Língua Francesa, mantido pelo conhecido CNRS – Centro Nacional de Pesquisa Científica e pela Universidade de Nancy, na França.

Segundo o Laboratório (ATILF, 2006 a), **entrepreneur** origina-se entre os anos de 1253 e 1289, pelo termo **entrepreneurs**, significando “aquele que se encarrega e que faz alguma construção ou outra coisa”, derivando do particípio presente de **entreprendre**.

Há basicamente os seguintes sentidos:

- 1.) Aquele que empreende, que organiza;
- 2.) Pessoa que compromete capitais e utiliza mão-de-obra para uma produção determinada;

Acepção utilizada por Say (1767-1832):

Outro aproveita destes conhecimentos para criar produtos úteis. É o agricultor, o fabricante ou o comerciante ou, para designá-lo por uma denominação comum a ambos, é o **entrepreneur** [empreendedor] de indústria, o que empreende em criar por sua conta e riscos, o seu lucro, um produto qualquer (Say, 1803, 2002, p. 60).

- 3.) Pessoa que fornece a um terceiro, e notadamente a coletividade pública ou o Estado, um produto determinado, um serviço;
- 4.) Industrial tomando a responsabilidade da execução de operações relativas à construção.

Entreprendre, por seu turno, é derivado de entre e de prendre. Um primeiro significado é “atacar” e origina-se em 1140. Outra acepção é “interpelar, acusar” (originado em 1174-76). Na seqüência cronológica, em 1176-81, aparece o significado que Say e Cantillon utilizaram em suas elucubrações para consagrar a palavra: “começar (algo), levar a efeito, em pôr-se a executar”. A origem do termo é o latim **imprehendere** (ATILF, 2006 b). E em português? Segundo o filólogo e lexicógrafo Antonio Houaiss, **empreendedor** significa “que, ou aquele que empreende”, surgindo de **empreendido** + **-or** com a retomada da vogal temática **-e**. Surge em 1563.

Empreender, por sua vez, significa: a) pessoa decidir realizar (tarefa difícil e trabalhosa); tentar; b) pôr em execução; realizar. A origem do termo é o latim **imprehendo** ou **impraehendo** e significa 'tentar executar uma tarefa, com origem em 1619 (HOUAISS, 2001, p. 1128).

Não há registros de **empreendedorismo** nos dicionários de Houaiss (2001) [que possui ≈ 228.000 verbetes]; Bueno (1992) [que possui ≈ 80.000 verbetes]; Ferreira (1999) [que possui ≈ 160.000 verbetes]; Michaelis (1998) [que possui ≈ 200.000 verbetes]; Priberam (2006) [que possui ≈ 95.000 verbetes]. Isso evidencia o quão recente é o termo. Devido a essa ausência, proceder-se-á uma demonstração do que seja empreendedorismo, no sentido de alcançar, por intermédio da evidência, uma explicação, que não se manifesta à primeira vista.

Empreendedorismo é composto de **empreendedor** + **ismo**. Empreendedor é aquele que empreende. O sufixo **ismo**, em formas atuais, é utilizado para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos. Trata-se da tomada de um partido, uma posição, um sistema, uma filosofia, uma circunstância (exemplo: heideggerianismo, nazismo, idealismo, comunismo). Deve-se observar também o contexto histórico em que surge.

No caso do empreendedorismo, séculos XVIII e XIX na Europa. Cantillon (1680-1734) foi um dos precursores do empreendedorismo e este acreditava que o **empreendedor** era uma pessoa que adquiria matéria-prima, processava de algum modo e revendia com um preço incerto posteriormente. Caso lucrasse de uma forma não prevista, inovava. Ele introduzira o conceito de capitalista de risco, associando com a figura do empreendedor. Para isso, utilizou o termo em francês. Nesta época, a revolução industrial ocorria. Então, os ingleses e americanos não ficaram indiferentes com o que acontecia na França em relação à utilização dessas palavras com suas características polissêmicas, principalmente devido aos estudos feitos na esfera econômica.

O galicismo **entrepreneur** foi de tal forma vigoroso que incorporou-se *ipsis litteris* ao vocabulário inglês, para designar **empreendedor**. O primeiro registro conhecido do termo foi 1475, designando alguém que se responsabiliza por algo, um gerente, um controlador ou campeão em batalhas. A palavra possui conotações de coragem e liderança. Em 1828, surge o significado de “alguém que dirige ou administra entretenimentos musicais”. Modernamente significa, entre outras coisas, alguém que se responsabiliza por um negócio; uma pessoa que possua e/ou administre um negócio, assumindo o risco de lucrar ou perder. Por sua vez, em 1934 surge o termo **entrepreneurship**, para qualificar a atividade de organizar, de controlar, e de supor os riscos de uma empresa ou negócio (OED, 2006). E foi essa palavra a traduzida para o português como sendo **empreendedorismo**. Um anglicismo, portanto.

Após esclarecer as origens dos termos, foi possível compreender as formas pelas quais Cantillon e Say puderam estabelecer as bases do sentido que nos dias atuais esses termos possuem. Pois bem, discorrer sobre aspectos semânticos, de forma diacrônica, fez vir à tona que a construção da palavra empreendedorismo foi tortuosa. Seguindo esse fio condutor, efetuar-se-á agora uma análise histórica sobre a temática, até os dias atuais.

Joseph Schumpeter (1883 - 1950), economista austríaco radicado nos Estados Unidos, foi o primeiro teórico a observar e destacar a importância do empreendedor na economia, afirmando ser este o “motor da economia capitalista”. Acredita o autor que empreendedorismo e inovação atuam em simbiose.

O empreendedor promove a “destruição criativa”, um processo que introduz o novo e gera desenvolvimento e riqueza para uma nação, sendo um impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor da economia capitalista, criando novos produtos, novos modos de produção, novos mercados (Schumpeter, 1982).

Desde Schumpeter o estudo científico sobre a questão apresenta avanços, estruturando-se basicamente em duas correntes: a econômica e a comportamental. Danjou (2002) esclarece que uma das formas de se compreender esse fenômeno é conhecer os temas que foram investigados entre as diversas áreas de pesquisa, como será visto a seguir.

2.1 Economistas

A origem de todas as afirmações sobre empreendedorismo é advinda da economia, como já foi verificado anteriormente. Será demonstrado a seguir como o pensamento econômico em relação ao tema evoluiu até os dias atuais.

Cantillon (1755, 2003, p. 30-33), em sua obra “Essai sur la nature du commerce en général”, utilizou o termo *entrepreneur* para designar o empresário que corre riscos em função de sua atividade, seja o produtor, o atravessador ou o comerciante. É o empreendedor que compra a matéria-prima a um preço determinado e vende o produto a um preço incerto.

Em Smith (1776, 1985), no tratado “Riqueza das nações”, pode-se inferir que o empreendedor tem como finalidade produzir dinheiro, sendo um proprietário capitalista, um fornecedor de capital, concomitantemente um administrador situado entre o trabalhador e o consumidor.

Say (1803, 2002, p. 60) em seu livro “*Traité d’économie politique*” acreditava que o empreendedor é ser dotado de características ligadas à inovação. Estudioso de Smith, levou as idéias desse autor para a França. Ademais, observou a inexistência do termo empreendedor no léxico inglês:

Os ingleses não têm palavra para designar o empreendedor de indústria; o que os impede, talvez, de distinguir nas operações industriais o serviço que presta o capital, do serviço que presta, pela sua capacidade e seu talento, o que emprega o capital... A língua italiana, muito mais rica a esse respeito, tem quatro palavras para designar o que entendemos por um empreendedor de indústria: *imprenditore*, *impresario*, *intraprenditore*, *intraprensore* (1803, 2002, p. 60).

Schumpeter (1982) [primeira edição em alemão em 1912 e em inglês em 1934] assenta as bases de seu raciocínio na inovação. Visa ir além da mera história da economia e de especulações teóricas abstratas. Para tal, utilizou do chamado fluxo circular de produção. Intenta relacionar desenvolvimento econômico com câmbios endógenos e intermitentes na produção de bens e serviços.

Esse fluxo circular é uma teoria econômica do equilíbrio geral. Em outros termos, analisa a questão da produção ser uma atividade contínua, sendo que os agentes econômicos repetem e fazem previsões acerca de sua produção e vendas. É uma teoria estática que não contempla cismos e rupturas.

A teoria de Schumpeter, ao contrário, prevê a mudança, através de inovação, principalmente, por meio da “destruição criativa”, induzida pelo empreendedor, primeiramente pela introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de bem. Em seguida a introdução de um novo modelo de produção, ou seja, um método ainda não verificado pela experiência naquele ramo produtivo em que tal introdução é realizada e que não decorre necessariamente de qualquer descoberta científica, mas que pode simplesmente consistir em um novo método de tratar comercialmente uma mercadoria. Na sequência, a abertura de um novo mercado.

Posteriormente, a conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, mais uma vez independente do fato de que essa fonte já exista ou tenha que ser criada. Finalmente, a fundação de uma nova empresa de qualquer indústria, como a criação ou a ruptura de uma posição de monopólio. Destaca-se que o autor demonstrou o quão importante é o papel do empreendedor e inovação dentro da economia moderna. Verificou-se que a inovação está ligada ao empreendedorismo.

2.2 Comportamentalistas

Com a observação que a “naturalização” do fenômeno empreendedorismo não o explicava por completo, surgem os teóricos comportamentalistas (psicólogos, sociólogos etc.) que se contrapuseram a muitos economistas que consideravam o homem como uma espécie de engrenagem na dinâmica econômica.

Weber (2004) [publicado originalmente em alemão em 1904] identificou o sistema de valores como componente essencial para a explicação do comportamento empreendedor. O motivador para quem se estabelecia por conta própria era a religião e/ou o trabalho ético protestante. O autor acredita que os empreendedores sejam inovadores e independentes, e que com o cumprimento de seu papel de liderança nos negócios desempenham uma fonte de autoridade formal.

McClelland (1961) pretende por meios quantitativos isolar fatores psicológicos e culturais do empreendedor, demonstrando que tais fatores são importantes para o desenvolvimento econômico. O motivo para tal elucubração foi descobrir como se dá a ascensão e queda dos impérios e civilizações.

Collins e Moore (1964) constataram que o ato de empreender é uma ação imitada dos modelos copiados da infância. A partir de uma perspectiva psicanalítica os autores verificaram a necessidade de autonomia, independência e autoconfiança por parte dos empreendedores. O que os motiva são conflitos não resolvidos, além de terem vivido rupturas. Eventos dramáticos em suas vidas também são significativos.

Drucker (1987) afirma que o empreendedor busca a mudança, cria algo novo, sendo inovador e transformando valores. Consegue ainda viver com as incertezas e riscos que um negócio comporta. Ademais, o empreendedor sabe aproveitar as oportunidades, que não é necessariamente vista por outras pessoas.

Ray (1993) acredita que a personalidade do empreendedor é preponderante na obtenção de êxito, pois é ela que ajudará na formação da cultura da empresa. Observa ainda que não existe uma personalidade que possua características tais que sejam condição de sucesso. Para o autor, há espaço para o porvir de uma ciência que lide com esses assuntos.

Filion (1991) apresenta a chamada teoria visionária, a partir de uma abordagem sistêmica, na qual esferas de vida do empreendedor se interagem e se influenciam mutuamente – familiar, espiritual, empreendedora etc. Este conjunto é designado de sistema ecológico de vida, estabelecendo as referências e a formas de agir.

Dolabela (1999) utiliza aspectos ligados ao sonho para apresentar sua argumentação. A visão é este sonho em ação. Assim, qualquer pessoa pode empreender, desde que tenha capacidade de sonhar e tenha motivação para transformar em realidade seus desejos.

3. ÔNTICO X ÔNTOLÓGICO

Para maior compreensão das discussões deve-se apresentar os significados dos termos: ônticos e ontológico, posto que esses trazem maior contribuição aos debates.

O quadro 1 apresenta uma distinção do ôntico X ontológico:

ÔNTICO	ONTOLÓGICO
Relativo ou pertencente ao ser ou às suas características. Refere-se à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com outros entes. Diz respeito aos entes em sua existência própria, concreta e múltipla.	Refere-se ao estudo filosófico dos entes, à investigação dos conceitos que permitam conhecer e determinar em que consistem as modalidades ônticas, quais os métodos para o estudo de cada uma delas e quais as categorias que se aplicam. Diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento

Quadro 1: Distinção ôntico X ontológico

Fonte: adaptado de Chauí (2002); Heidegger (1999a)

O pesquisador que privilegia características ônticas, após longos estudos, diz: “O empreendedor é alguém que assume riscos e inova”. Tal afirmação, baseada em rigorosos métodos quantitativos, é inequívoca. Fundamenta-se na ciência. Já o investigador ontológico indaga: O que é inovação? O que é sucesso ou o fracasso? Tais termos existem em si e por si mesmos ou são **avaliações** sobre as ações humanas? O que é coragem? O que é valor?

Mas, qual a diferença entre ambos? Pode-se dizer que está no modo de ver o fenômeno. Para os cientistas, há necessidade de se apresentar uma realidade, conceber dúvidas sobre essa realidade e a partir disso fazer problematização científica. Eles então recorrem a uma ou mais teorias e fazem uso de um ou mais métodos para se responder a pergunta que efetuaram sobre o problema. É o *cogito, ergo sum* de Descartes. Já a ontologia é diferente. Pesquisa a partir de outro ponto de partida. Chauí (2002, p. 242) pergunta:

O que estuda a ontologia? Os entes ou seres antes que sejam investigados pelas ciências, e depois que se tornaram enigmáticos para nossa vida cotidiana. Em outras palavras, os entes ou os seres antes de serem transformados em conceitos das ciências e depois que nossa experiência cotidiana sofreu o espanto, a admiração e o estranhamento de que eles sejam como nos parecem ser, ou não sejam o que nos parecem ser. A ontologia estuda as essências antes que sejam fatos da ciência explicativa e depois que se tornaram estranhas para nós.

Assim, a ontologia investiga o dado, ou o sentido do ente, seja ele da natureza que for. Analisa as diferenças e as relações entre eles, seu modo de existir, sua origem, sua finalidade. O que é empreender? Eis uma questão ontológica. Chauí (2002, p. 242) observou que aqui há o resgate da velha questão filosófica: “O que é isto que é?”, mas acrescida de nova questão: “Para quem é isto que é?” Objetiva-se a essência das coisas, dos atos, dos valores humanos, da vida e da morte, do infinito e do finito.

A pergunta “O que é isto que é?” refere-se ao modo de ser dos entes naturais, artificiais, ideais e humanos; a pergunta “Para quem é isto que é?” refere-se ao sentido ou à significação desses entes.

Danjou (2002) corrobora o privilégio ôntico conferido às pesquisas sobre empreendedorismo, demonstrando que este é investigado a partir de diferentes perspectivas, através de três abordagens:

- a) a do **contexto**: condições ou efeitos da ação empreendedora, originando-se dos campos da economia, sociologia e antropologia.
- b) a do **ator**: o empreendedor, originando-se a partir da psicologia.
- c) a da **ação**: o processo empreendedor, originando-se de estudos organizacionais.

Esclarecido o privilégio que é dado às características ônticas no estudo do empreendedorismo, é importante discutir outras possibilidades de investigações.

Para haver um avanço qualitativo nas pesquisas sobre o tema é necessário estruturar a questão sobre o empreendedorismo a partir de uma **análise filosófica** considerando suas dimensões **ontológicas**, **axiológicas** e **epistemológicas**, a exemplo do que tem ocorrido nos debates sobre a **questão da tecnologia** (Vargas, 1985, 1994; Gama, 1984, 1985, 1987; Miranda, 2002).

Isso é importante porque as pesquisas sobre essa questão podem servir de referência no estudo sobre empreendedorismo, considerando suas peculiaridades no tocante a suas finalidades. O quadro 2 ilustra os significados desses termos.

DIMENSÕES	ESTUDOS
Ontologia	Investiga o ser a partir de si mesmo, considerado independente de suas determinações particulares. Trata-se de reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível suas múltiplas existências. A ontologia investiga o dado antes que seja fato da ciência e depois que se transforme em colocações de difícil compreensão.
Axiologia	Teorias do valor. O objeto de estudo da axiologia é a natureza dos valores e juízos valorativos. Valor é o que é precioso para o ser e que contribua para o seu crescimento. Exemplos: valores econômicos, sociais, espirituais, culturais etc. O homem é um ser cultural, que tem como fundamentação a língua, os costumes, as técnicas e os valores. A Ética e a Estética são partes constituintes da axiologia.
Epistemologia	Investiga a origem e o valor do conhecimento humano em geral (em torno de sua natureza, etapas e limites). Indaga as ciências (princípios, postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico), além dos critérios de verificação e de verdade, do valor dos sistemas científicos, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade.

Quadro 2: Possibilidades de análises filosóficas

Fonte: adaptado de Chauí (2002); Heidegger (1999a)

Pretende-se aqui contribuir com a dimensão **ontológica** sobre a questão do empreendedorismo, de forma propedêutica. Neste ponto, recorrer a Merleau-Ponty (1994) é fundamental. Para o autor, o ato de refletir sobre determinado tema, por si mesmo, é capaz de elucidar dado fenômeno, considerando que tal reflexão parte daquilo que é dado. O “grau” dessa reflexão será determinante para se saber o quanto se conhece o assunto.

É necessário também unir o ato de refletir ao conhecimento da história do tema e com as explicações externas, além de se tentar recolocar as causas e o sentido do tema em uma doutrina de existência. E em relação aos estudos sobre empreendedorismo, isso ocorre? No limite desta pesquisa, a resposta a esta indagação é negativa. Mas porque isso não ocorre?

A resposta a essa indagação é que, aparentemente, não tem havido um avanço e um desenvolvimento de investigações sobre a doutrina de existência do empreendedorismo e não se buscou uma análise ontológica sobre o assunto. Assim, nesse trabalho discutir-se-á essas questões, a partir das constatações evidenciadas no tópico a seguir que posiciona a epistemologia do empreendedorismo e suas linhas de investigação.

4. ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DO EMPREENDEDORISMO

Não obstante, para se avançar no trabalho interpretativo, cumpre discorrer sobre elementos epistemológicos do empreendedorismo, pois o que foi visto no tópico sobre o empreendedorismo relaciona-se com uma explicitação propredêutica e histórica.

Tal explicitação, porém, é insuficiente para fornecer as bases de uma interpretação mais consistente sobre a temática. É necessário um aprofundamento maior, através da reflexão geral sobre a natureza, etapas e limites do conhecimento sobre o assunto, particularmente nas relações que se estabelecem entre o pesquisador e a temática. É a constante retomada do ponto de partida, para se fazer a interpretação do que já foi descrito. Dito isto, convém esclarecer que essa retomada analisará preponderantemente três itens não contemplados anteriormente: a) definições de empreendedores; b) temas de pesquisa; c) abordagens de estudos.

A revisão da literatura efetuada nesse estudo não foi exaustiva, mas ratifica o entendimento que a complexidade inerente a essa discussão reside no estágio epistemológico que o empreendedorismo se encontra. Estando em uma fase pré-paradigmática, a área tem espaço para os mais diversos estudos, que evoluem de acordo com aspectos contingenciais (em relação ao caráter eventual ou circunstancial das investigações), das condições sócio-políticas-ambientais e do momento histórico em que os pesquisadores desenvolvem suas elucubrações. Danjou (2002) demonstrou que pode haver três abordagens do estudo do empreendedorismo; a do **contexto**; a do **ator**; e da **ação**, conforme verificado na introdução deste trabalho. No quadro a seguir uma explicação de possíveis outras abordagens.

Autor	Abordagem
Casson (1982)	Início dos anos 1960 ocorre a dicotomia na pesquisa, com o advento dos estudos de gestão, ligados às características do empreendedor.
Gartner (1985) 4 perspectivas de estudos	1. características do empreendedor. 2. a organização que ele cria. 3. o ambiente que circunda essa organização. 4. o processo pelo qual é criada a organização.
Low e McMillan (1988) 3 ramos de estudos	1. comportamento (personalidade; ambiente demográfico). 2. caráter das ações. 3. aspecto normativo.
Gartner (1989)	Não interessa quem é o empreendedor, mas sim o que ele faz. Ao invés de se estudar as características do empreendedor, deve-se estudar o processo de criação de novas organizações. A abordagem comportamental olha para o empreendedorismo como algo que alguém faz e não algo que alguém é, assim olha-se para a organização e não para a pessoa.
Stevenson e Jarillo (1990) 3 ramos de estudos	1. <i>What-economia</i> . Inicia com Cantillon, criador do termo, com foco econômico, e não na pessoa. Prossegue com Say, que introduz o conceito de combinar fatores de produção; avança com Schumpeter. 2. <i>Why-psicologia/sociologia</i> . 3. <i>How they act-gestão</i> .
Stewart (1991) 2 temas de estudos	1. acesso à atividade empreendedorismo. 2. o <i>clustering</i> espacial do empreendedorismo.
Stewart (1991) antropologia	1. etnografia. 2. <i>grounded theory</i> .
Bygrave e Hofer (1991)	Mudar o foco das características do empreendedor para o processo empreendedor.
Davidsson (1991)	As medidas de empreendedorismo usadas são limitativas. A investigação deve focar em empreendedorismo continuado e em graus de empreendedorismo.

Savage e Black (1995) 2 eixos	1. teleológico (porque sabemos?): características da linguagem, descoberta de regularidades, compreensão de significado, reflexão. 2. epistemológico (como sabemos?): <i>experiencing, examining, enquiring</i> .
Savage e Black (1995) quadro de investigação	a) investigação tradicionalmente é feita com base em métodos da ciência social, incluindo etnografia (antropologia); observação participante (sociologia); estudos de caso (psicologia). b) nos últimos 50 anos enriqueceu-se o debate com as inovações das ciências sociais, assim como os vindos da educação e linguística. c) outras escolas de pensamento: teoria crítica, hermenêutica, fenomenologia e interação simbólica.
Andersson (2000) 3 categorias	1. como as pessoas agem. 2. porque agem. 3. o que acontece quando agem.
Ucbasaran, Westhead e Wright (2001) Estudo de artigos sobre tipos, comportamento, reconhecimento e formas organizacionais	- estudos com foco nas características do empreendedor são criticados e produzem resultados fracos. - estudos recentes focam o comportamento do empreendedor. - o processo cognitivo também é estudado e o processo de decisão ou heurístico do empreendedor é promissor. - identifica 05 temas de investigação: a) antecedentes; b) tipos; c) processo e tipos de organizações criadas; d) ambiente externo; e) resultados.

Quadro 3: Abordagens ao estudo do empreendedorismo

Fonte: adaptado de Gaspar (2003, p. 194-195)

Filion (1997b, p. 8), analisando as questões anteriormente discutidas, apresenta o termo **empreendedorologia** para definir a disciplina que pesquisa a temática e que se destina à Academia, ao passo que a disciplina **empreendedorismo** destina-se aos seus praticantes.

Para o autor, o campo está dominado pelos funcionalista-positivistas, existindo a necessidade de abrir novas perspectivas para compreender o que os empreendedores são e o que eles fazem. É preciso ainda separar a pesquisa pura da aplicada, com o intuito de se criar uma teoria do empreendedor. A ciência que daria suporte a essa teoria seria a empreendedorologia (Filion, 1997b, p. 10).

Basicamente, o que Filion (1997b) demonstra é que o empirismo dominante no empreendedorismo faz com que as características ônticas sejam o objeto de estudos dos pesquisadores. É possível observar que a maior parte dos estudos efetuados no campo do empreendedorismo baseiam-se no empirismo. Davidsson (1991) e Davidsson e Wiklund (2001) observam que tais estudos recolhem dados empíricos sem estudar seu significado em termos de abstrações mais elaboradas, ao invés de estabelecer modelos para depois proceder a verificação. Porém, a Academia tem voltado sua atenção para novas formas de se analisar o problema. Cope (2005) observa que recentemente emergiu no campo do empreendedorismo pesquisas fenomenológicas, dentro do paradigma interpretativo (Cave, Eccles, Rundle, 2001; Cope, 2001; Cope, Watts, 2000; Grant, Perrin, 2002).

Em seu texto, o autor analisa aspectos relacionados à epistemologia e à ontologia, ilustrando a passagem da filosofia fenomenológica para a metodologia. Berglund (2006), por sua vez, observa que muitas pesquisas da área são positivistas. Apresenta as filosofias de Husserl e Heidegger, para procurar compreender como os conceitos teóricos e eventos empíricos podem ser tratados com o uso da abordagem fenomenológica.

Como observado, a epistemologia do empreendedorismo encontra-se em construção. A Academia tem acompanhado essa questão, através do desenvolvimento de diversos tipos de pesquisas, com variadas abordagens. Uma dessas abordagens consiste em estudos fenomenológicos, que visam enriquecer os debates, considerando as particularidades da fenomenologia, que visa atingir, invariavelmente, a essência de seus objetos de estudo. Neste trabalho, a novidade está em introduzir o **existencialismo** como um importante meio para análises e reflexões sobre o assunto, conforme explicitado a seguir.

5. ASPECTOS ONTOLÓGICOS DO EMPREENDEDORISMO

Basicamente o existencialismo tem como característica a inclusão da realidade concreta do homem (sua mundanidade, angústia, desespero etc.) no centro da investigação filosófica, em antagonismo com os racionalistas que acabam com a subjetividade individual em estruturas conceituais abstratas e universais.

O objeto da reflexão é o homem em sua existência concreta, a partir de uma situação determinada, mas não necessária (o “ser-para-outro”; “ser-no-mundo” etc.). O momento histórico conturbado de seu surgimento (entre as duas grandes guerras mundiais) foi determinante para que os filósofos existencialistas dessem uma conotação muito particular de seus pressupostos, que influenciou sobremaneira o modo de ver o mundo de inúmeras pessoas. **Ex-sistere** é o termo em latim equivalente a existência. Significa o vir a constituir-se e a manter-se (sistere) provindo de um (ex) outro. Basicamente, a existência é o devir, o devir do homem (Severino, 1986, p. 239).

Abbagnano (1993, p.128) demonstra que Kierkegaard (1813-1855) e Husserl foram os precursores do existencialismo. Do primeiro, os existencialistas valeram-se da categoria fundamental de que se serve na análise da existência, a **possibilidade**, considerada principalmente no seu caráter ameaçador e paralisante, que é devido ao fato de tornar problemática a relação do homem com o mundo e de excluir de tal relação a garantia de um sucesso infalível. Porém, o primeiro existencialista foi Heidegger (1899-1976), que tinha por objetivo estabelecer uma ontologia a partir da compreensão primária do ser que possibilita auscultá-lo e interrogá-lo para obter sucesso em determinar plena e completamente o sentido do ser (Abbagnano, 1993, p.137). Sartre (1966) afirmou que a existência precede a essência. Em outras palavras, pode-se dizer que o homem surge no mundo, encontra a si próprio, existe, para apenas e tão-somente depois se definir. O homem será aquilo que fizer de si mesmo (o autor chama isso de subjetividade), não há condicionantes extrínsecos. O ser humano é um **projeto** que se faz gradualmente.

Conseqüentemente, define-se pelo conjunto dos seus atos. Em resumo, o indivíduo é que se faz. Cabe aqui esclarecer que ser não equivale a existir. Quando alguém diz: “sou empreendedor”, está se portando de uma forma típica de todos os seres, de forma passiva e sem grandes possibilidades. Ao passo que quando se diz “estou empreendedor”, há demonstração de se estar passando de uma condição de potencialidade para realidade. Conscientemente, o sujeito percebe estar se realizando como empreendedor.

Ou seja, o indivíduo escolheu ser empreendedor. Exemplificando esse significado, é possível fazer uma correlação com o estudo de Ferreira (2003). Em seu trabalho, o autor criou um modelo heurístico tridimensional, para identificação do perfil do empreendedor. A figura a seguir demonstra que o empreendedor localiza-se na dimensão individual. A dimensão ambiental e a grupal/organizacional, somadas a primeira, proporcionarão em seus interstícios o chamado desempenho empreendedor.

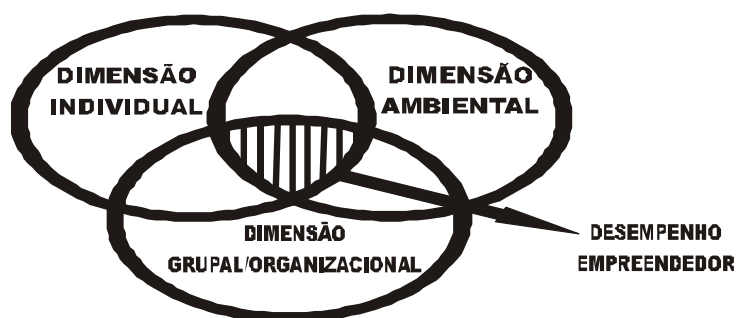


Figura 1: Dimensões de atuação do empreendedor

Fonte: Ferreira (2003, p. 45)

Observa-se aqui que o empreendedor não está, ele é. Não é um projeto, que se realiza por vontade própria, sendo livre para escolher. Fatores extrínsecos atuam sobre ele, impedindo suas potencialidades. Em uma abordagem existencial - ontológica, há o predomínio do humano. Isso significa que o empreendedor pode se realizar. A figura a seguir contrapõe as duas análises.

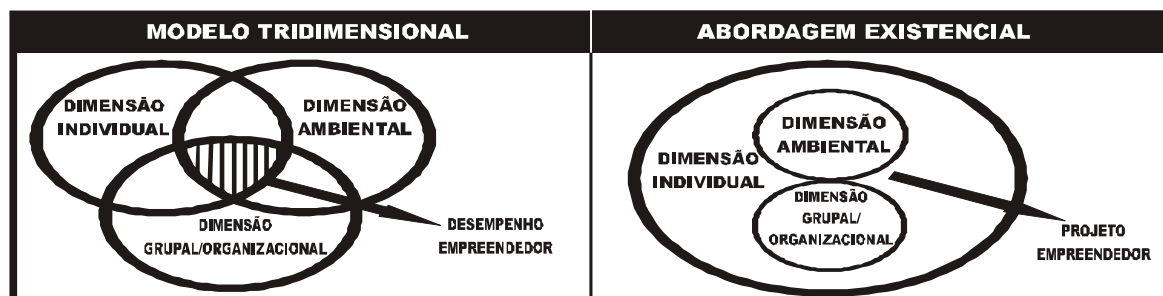


Figura 2: Modelo tridimensional X abordagem existencial

Fonte: Ferreira (2003, p. 45); do autor

Como observado, o fundamental não são fatores externos. Estes coadunam para o chamado desempenho empreendedor. O empreendedor não “nasce” empreendedor, ele torna-se. Os fatores ambientais ou grupais/organizacionais são meios, não fins, para a realização do projeto empreendedor do ser. Isso não equivale dizer que a abordagem existencial - ontológica seja preponderante ou mais adequada que outras. Apenas indica que ela não está baseada em identificar perfis, congruências ou similitudes. Afinal, modelos e abstrações buscam encontrar algo que explique o funcionamento e mecanismos de ação de determinado fenômeno. Isso ocorre em ciências exatas e naturais, não em ciências sociais.

Boaventura de Souza Santos, em sua obra “Introdução a ciência pós-moderna” (1989) faz uma crítica à ciência moderna, afirmando que suas práticas de conhecimento enquadram a sociedade e o mundo. O ponto de partida é que a ciência é uma práxis social, sendo os fenômenos sociais estudados pelas ciências sociais e não pelas ciências naturais. O que importa é a construção que o homem faz. Assim, o debate deve ser efetuado a partir do fenômeno, deixando que ele se manifeste livremente. Por isso, a utilização do existencialismo é importante, pois esta investiga o ser, a partir do que ele é.

6. RESULTADOS

Até o momento demonstrou-se que as investigações efetuadas não obtiveram sucesso na busca pela essência do empreendedorismo. Isso se deve a dois motivos: 1) a fase pré-paradigmática em que o ramo se encontra; 2) ênfase em estudos ônticos. Destarte, face ao exposto e considerando a abordagem existencial, é possível afirmar que a ontologia do empreendedorismo reside na **liberdade**.

Não se trata da possibilidade que tem o empreendedor de agir conforme sua vontade e idéias, ou mesmo sua consciência, mas sim a **potencialidade** que tal indivíduo tem de agir de forma autônoma buscando seus objetivos. Sem considerar condições ou limites, o empreendedor se realiza a partir de sua autodeterminação, e constitui a si próprio e o mundo que vive. Ou seja, não há determinantes externos, não há casualidade. A inovação, os valores recebidos na infância, a capacidade de gerir etc. são apenas meios para se atingir a liberdade, que é atingida no momento em que há realização do projeto empreendedor do ser. Sartre (1966) observou que o homem apresenta-se como uma escolha a fazer, que não há um determinismo natural.

Ademais, não é apenas como se concebe, mas como quer ser, considerando o querer como uma decisão consciente. A decisão de empreender é, nesse sentido, uma manifestação da vontade. O estudo da dimensão ontológica do empreendedorismo apresenta em sua tessitura a questão da intencionalidade da consciência.

Sendo o homem alguém que se faz e que apresenta suas limitações assentadas no pensamento, percebe-se que qualquer investigação nesse campo deve, necessariamente, considerar que todo ato humano é intencional.

A novidade nesta discussão é que a essência do empreendedorismo está na liberdade. Mas essa liberdade tem um limite? Sartre (1997) observou que o homem só não é livre para deixar de ser livre. Assim, ou o homem é totalmente livre ou não é. Isso é o que explica a obstinação de certos empreendedores encontrada nos estudos ônticos que são efetuados sobre a temática que traz essa característica como proeminente.

É no ato de empreender, na ação, que o empreendedor vislumbra o propósito de mudança que almeja. Assim, não há destino, há a construção de uma realidade. E o **não** empreendedor? Como pode a essência do empreendedorismo ser a liberdade, se há indivíduos que não se tornam empreendedores? Sartre (1997) afirma que a angústia é o meio que o homem utiliza para tomar consciência de sua liberdade. Vivendo angustiado, por não ser livre, pode optar ou não por se realizar. Assim, o não empreendedor se angustia, pois não se realiza. Conforma-se e vive sua vida de forma a esquecer sua condição.

Desta forma, pode-se explicar como a **necessidade** faz com que muitas pessoas empreendam. O fazem não porque possuam características peculiares, ou porque a necessidade é maior que sua “natureza”, mas sim devido ao desejo de liberdade, no sentido de desincumbir-se de uma condição problemática em busca da felicidade e realização.

Então é possível afirmar que qualquer pessoa possa ser empreendedora? Sim. Mas se haverá sucesso ou insucesso no empreendimento isso não é possível afirmar. Para esclarecer as condições do sucesso ou insucesso de um negócio há necessidade de estudos ônticos.

É importante considerar, porém, o sentido etimológico da palavra existência para o homem. Vattimo (1987, p. 25) diz que se deve considerar o ex-sistere, como estar fora, ultrapassar a realidade presente na direção da possibilidade. Como possibilidade, somente há o caminho da liberdade, eis a essência do empreendedorismo. Além disso, como observado na pesquisa, o empreendedorismo é um fenômeno social, que traz consigo implicações de diversas naturezas, sejam psicológicas, sociais, culturais ou econômicas. Percebe-se ainda que o empreendedorismo é contingencial (no sentido de ocorrer de maneira eventual e circunstancial), não necessitando de condições apriorísticas para sua concretização.

No limite desta investigação, a partir da perspectiva analítica existencial utilizada, considera-se que este trabalho possa contribuir com o estudo do empreendedorismo e do ser que empreende, sintetizando os conceitos a seguir:

Empreendedor: indivíduo executor de uma ação capaz de produzir uma ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade (a acomodação, a alienação, a paixão etc.). Produz-se assim um efeito catártico que gera nesse indivíduo uma libertação daquilo que lhe é estranho à sua essência e que, por esta razão, limita sua capacidade empreendedora. Trata-se, portanto, de uma pessoa que transforma sua potencialidade em realidade, caracterizando-se por ser temporal e impermanente, abarcando as mais variadas esferas da vida social, tais como: negócios, política, esportes entre outras.

Empreendedorismo: conjunto de atividades que visam proporcionar ao empreendedor, no decurso de sua ação, plena liberdade. Tal liberdade se manifesta devido à ocorrência de uma ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade. O estado de dependência em relação a fatores externos (existente na segurança e estabilidade) é substituído pela possibilidade de ser sujeito da ação. Sua base é transdisciplinar e teleológica, sustentando-se na busca pela realização plena do ser.

Como verificado, haverá empreendedor e empreendedorismo onde houver ser humano. A face econômica-administrativa do campo é uma entre muitas, que ganha relevância devido ao crescente interesse por parte dos governos e sociedade. O reducionismo

existente, ao se considerar o empreendedorismo e o empreendedor apenas como “objetos” da economia ou administração faz com que não haja uma compreensão holística do fenômeno.

É necessário, antes de tudo, considerar que a temática é própria do homem. Assim, em outros ramos de atividades humanas ela acontece, como na política, nos esportes, na vida cotidiana, na Academia (por exemplo, ao escrever sobre a teoria da dissociação eletrolítica, Arrhenius foi empreendedor) etc. Finalmente, cumpre esclarecer que a atitude interpretativa adotada é inicial, provisória e que o assunto não se esgota nele mesmo. É preciso conduzir estudos mais aprofundados, tanto ônticos como ontológicos.

7. CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho consistiu em investigar a dimensão ontológica do empreendedorismo, a partir de uma base filosófica. Neste sentido, mediante o emprego do existencialismo o resultado foi alcançado. A liberdade desvelou-se como sendo essa dimensão. Por sua vez, os objetivos específicos também foram atingidos, na medida em que se evidenciou que os aspectos epistemológicos do empreendedorismo que trazem implicações no âmbito ontológico, além de se demonstrar que o empreendedorismo implica um conhecimento ôntico e ontológico, de forma indissociável.

Não obstante, observa-se que a liberdade, quando não efetivada, acarreta alienação, ou seja, a ausência de liberdade na qual o ser-no-mundo é incapaz de dar sentido a sua própria existência. E a angústia é o meio que o homem utiliza para tomar consciência de sua liberdade. Sabe que está sozinho, pois precisa escolher o que vai fazer ao longo de sua vida.

Na medida em que o sujeito evolua do ser-em-si em direção ao ser-para-si, haverá o desenvolvimento da capacidade empreendedora, pois o grau de sua liberdade estará sendo incrementado. Esse sujeito, lançado ao mundo, primeiro existe com o tempo, tornando-se aquilo que desejar. Nesse momento adquire sua essência. Ao longo de sua vida, é constantemente submetido a fazer escolhas, sendo tais escolhas tomadas a partir de sua perspectiva e filosofia de vida, sem condicionantes externos.

A ontologia do empreendedorismo é a liberdade porque é ela que impulsiona o ser, independente do motivo que foi deflagrador do desejo de empreender (por exemplo: adquirir riquezas, ter uma ocupação, competir, necessidade etc.). O ser somente será livre se estiver constantemente empreendendo. Sendo a liberdade uma potencialidade, o ser pode decidir a existência que quer para si, sendo essa existência determinada em um tempo e espaço, condicionada pelo convívio em sociedade, com suas leis e ditames. Portanto, em resposta a problemática de pesquisa tem-se que os aspectos ontológico do empreendedorismo é a liberdade que se desdobra para a potencialidade ou angústia do ser empreendedor.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. Portugal: Editorial Presença, v. XIV, 1993.
- ATILF a. **Laboratoire d'Analyse et de Traitement Informatique de la Langue Française**. Nancy: CNRS, UN 2, 2006a. Disponível em <<http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/fastshowart.exe?29%7DENTREPRENEUR%2C+subst.+masc.%7D110216%7D110217%7D110217%7D0%7D5>> Acesso em 04 jan. 2006
- ATILF b. **Laboratoire d'Analyse et de Traitement Informatique de la Langue Française**. Nancy: CNRS, UN 2, 2006b. Disponível em <<http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/fast.exe?mot=Entreprendre>> Acesso em 04 jan. 2006
- ATILF c. **Laboratoire d'Analyse et de Traitement Informatique de la Langue Française**. Nancy: CNRS, UN 2, 2006c. Disponível em < <http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/fast.exe?mot=innovation> > Acesso em 04 jan. 2006

- BERGLUND, H. Researching entrepreneurship as lived experience. In NEERGAARD, H.; BYGRAVE, W.; HOFER, C. Theorizing about entrepreneurship. **Entrepreneurship theory & practice**, 15: 7–25, 1991.
- BUENO, F.S. **Dicionário escolar da língua Portuguesa**. MEC/FAE: Rio de Janeiro, 1992.
- CANTILLON, R. **Essai sur la nature du commerce en général**. London: Fetcher Gyler, 1755. In Éditions Weltanschauung: Montreal, 2003. Disponível em <<http://www.innovatique.com/welt/html/cantillon.PDF>> Acesso em 04 jan. 2006
- CASSON, M. C. **The entrepreneur: an economic theory**. Oxford: Martin Robertson, 1982.
- CAVE, F.D.; ECCLES, S.A.; RUNDLE, M. An exploration of attitudes to entrepreneurial failure: a learning experience or an indelible stigma? Babson College/Kauffman Foundation Entrepreneurship Research Conference, 2001. Suécia. In COPE, J. Researching entrepreneurship through phenomenological inquiry: philosophical and methodological issues. **International small business journal**. Vol. 23, no. 2, 163-189, 2005.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. Ática: São Paulo, 2002.
- COLLINS, O.; MOORE, D. **The enterprising man**. East Lansing: Michigan State University, 1964.
- COPE J.P.; WATTS, G. Learning by doing: an exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. **International journal of entrepreneurial behaviour and research**, vol 6(3), 2000.
- Cope, J. Researching entrepreneurship through phenomenological inquiry: philosophical and methodological issues. **International small business journal**. Vol. 23, no. 2, 163-189, 2005.
- COPE, J. The entrepreneurial experience: towards a dynamic learning. Inglaterra. Tese (Doutorado), Universidade de Lancaster, 2001. In COPE, J. Researching entrepreneurship through phenomenological inquiry: philosophical and methodological issues. **International small business journal**. Vol. 23, no. 2, 163-189, 2005.
- DANJOU, I.L. Entrepreneuriat: um champ fertile à la recherche de son unité. Paris, **Revue française de gestion**, v.28, no.138, p.109-125, 2002.
- DAVIDSSON, P. Continued entrepreneurship: ability, need, and opportunity as determinants of small firm growth. **Journal of business venturing**, no. 6, p. 405-429, 1991
- DAVIDSSON, P.; WIKLUND, J. Levels of analysis in entrepreneurship research: current practice and suggestions for the future. **Entrepreneurship: theory & practice**, 25(4), 81-99, 2001.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores, 1999.
- DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DRUCKER, P.F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1987.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, J.A. **Formação de empreendedores: proposta de abordagem metodológica tridimensional para a identificação do perfil do empreendedor**. Florianópolis, Dissertação (Mestrado), UFSC, 2003.
- FILION, L.J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de administração de empresas**, FGV, São Paulo v.39, no.4, out./dez, p. 6-20, 1999.
- FILION, L.J. Le champ de l'entrepreneuriat : historique, évolution, tendances. **Revue internationale des PME**, vol. 10, no. 2, 1997a.
- FILION, L.J. From entrepreneurship to entreprenology, 1997b. In **USASBE annual national conference entrepreneurship**. 1997, São Francisco, Anais... São Francisco,

- FILION, L.J. O Planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de administração de empresas**, FGV, São Paulo, jul/set. (3), p. 63-71, 1991.
- GAMA, R. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Edusp, 1987.
- GAMA, R. **Ciência e técnica** (ontologia de textos históricos). São Paulo: TA Queiroz, 1984.
- GAMA, R. **História da técnica e da tecnologia**. São Paulo: Edusp, 1985.
- GASPAR, F.A.C. O estudo do empreendedorismo e a relevância do capital de risco. In: **XIII Jornadas luso-espanholas de gestão científica**. 13, Lugo, Anais... Lugo, 2003.
- GRANT, P.; PERRIN, L. Small business and entrepreneurial research: metatheories, paradigms and prejudices. **International small business journal** 20(2), 2002.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999a.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999b.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KNIGHT, F.H. **Risk, uncertainty and profit**. Boston: Hart, Schaffner & Marx; Houghton Mifflin Company, 1991. Disponível em <<http://www.econlib.org/library/Knight/knRUP.html>> Acesso em 04 jan. 2006.
- MCCLELLAND, D. **The achieving society**. New York: VanNostrand, 1961.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MIRANDA, A.L. **Da natureza da tecnologia**: uma análise filosófica sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna. Curitiba. Dissertação (Mestrado), CEFET-PR, 2002.
- OED. **Oxford english dictionary**. Open University Press, 2006. Disponível em <<http://www.oed.com/>> Acesso em 04 jan. 2006.
- PAIVA JR., F.G; CORDEIRO, A.T. Empreendedorismo e o espírito empreendedor: uma análise da evolução dos estudos na produção acadêmica brasileira. In: **XXVI Encontro anual da ANPAD**, 26, Salvador. Anais... Salvador: ANPAD, 1, 2002.
- PRIBERAM. **Dicionário universal da Língua Portuguesa**, 2006. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>> Acesso em 04 jan. 2006
- RAY, D.M. Understanding the entrepreneur: entrepreneurial attributes, experience and skills. **Entrepreneurship & regional development**, n.5, v.4, p. 345-357, UK, 1993.
- SANTOS, B.S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SARDI, J.A. **Una perspectiva analítica sobre el contexto educacional de la UFOP**: educación, subjetividad e exacerbación de los placeres. Cuba. Tese (Doutorado), ICCP, 2001.
- SARTRE, J.P. **L'existentialisme est un humanisme**. Paris: Nagel, 1966.
- SARTRE, J.P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SAY, J.B. **Traité d'économie politique**: ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent ou se consomment les richesses, 1803. Paris. In TREMBLAY, J.M. (2002) Quebec. Disponível na internet: <http://www.uqac.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/say_jean_baptiste/traite_eco_pol/Traite_eco_pol_Livre_1.pdf> Acesso em 04 jan. 2006
- SCHUMPETER, J.A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SEVERINO, E. **A filosofia contemporânea**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- VARGAS, M. **Metodologia da pesquisa tecnológica**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- VARGAS, M. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa Ômega, 1994.
- VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- VERSTRAETE, T. Essai sur la singularité de l'entrepreneuriat comme domaine de recherche. **Les Editions de l'ADREG**, 2002.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.